

RUBEM BRAGA

## CEREJEIRAS

NOVA YORK, novembro (Pela Varig) — O hotel de Washington em que tui parar me convenceu mais de uma vez de uma coisa que eu já pensei em outros países. Embora nossa arquitetura colonial e também nossa arquitetura moderna sejam excelentes, estamos no Brasil muito atrasados em matéria de conforto. Os pequenos detalhes que tornam melhor a vida dentro de uma casa — nós os desconhecemos ou desprezamos. Aqui vai um exemplo: como Washington no verão é muito quente, embora o calor dure pouco, o velho hotel em que tui parar tem, além de uma porta de vidro fôsko em cada quarto, outra porta com veneziana, abrindo para o corredor. Assim, basta o hóspede abrir a janela e a porta interna para que alguma aragem da noite circule pelo seu quarto. Além disso, tanto nesse velho hotel como praticamente em tôda parte, as janelas são protegidas por uma tela fina, que impede a entrada de moscas e mosquitos. Em resumo: uma casa do norte dos Estados Unidos está muito mais bem aparelhada para o verão que uma casa comum carioca, em que entra tudo de noite — mosca, mosquito, barata voadora — mas não entra brisa nenhuma e o quarto só tem uma janela e o morador quer dormir de porta fechada...

Digamos como compensação que nos quartos de banho americanos falta algo que existe no brasileiro — e que as toalhas de banho comumente são demasiado pequenas.

Mas deixemos essas coisas prosaicas e saiamos um pouco, em imaginação, para ver Washington — que beleza serena nestê grande cutono, que largas e verdes ou ruiivas alamedas, que beleza grande, que beleza limpa. O monumento a Lincoln — um templo grego com sua alta estátua sentada lá dentro — tem essa grande qualidade que falta a tantos monumentos: é realmente monumental. Na frente, em ampla perspectiva, um lago reflete o grande obelisco branco de George Washington, que fica em frente ao Capitólio. E as cerejeiras esperam uma nova primavera.

Haverá? Passei o dia hoje na ONU, vi falar o russo, o americano, o egipcio, o israelita. Daqui do meu carro vejo a tórre fantástica do Empire State pulsando suas lâmpadas vermelhas, rodando seus projetores de luz prateada sôbre a cidade imensa. O frio êste ano está atrasado, e ninguém, a não ser os comerciantes de lã, têm pressa de que êle chegue. Nova York se diverte placidamente, anda nas ruas, bebe, ouve «jazz», enche os teatros e os cinemas, vive seu vasto, soberbo conforto de cidade maior e mais rica do mundo. Sabemos, entretanto, que a qualquer momento, de algum lugar do outro lado do mundo, pode partir uma coisa — uma coisa de metal, fulminante como um cometa, que virá explodir aqui em cima e nos matar a todos nós, os milhões de novaiorquinos de vida ou de passagem. Sabemos também que de algum lugar aqui perto pode partir outra máquina infernal para a vingança — para matar outros milhões no outro lado do mundo...

Então revemos aquêles homens grisalhos que debaixo das luzes, na maior e mais bela assemblêia do mundo, discutiam hoje à tarde. Já não ouvimos o que êles dizem; suas vozes se perdem nas cinco traduções, se perdem de tão monótonas e ao mesmo tempo tão diferentes, dentro daquela babel de cimento e vidro. Falam, falam... E' possível que haja outra primavera para tôdas as cerejeiras do mundo; é provável.

Mas não é certo.